

- EU E MEU FILHO DISLÉXICO

Este é um depoimento feito por M.L.C., mãe de J.G. por e-mail em Janeiro de 2004

Quando já aos 4 anos meu filho não era capaz de identificar pelo nome uma cor, apenas por associação do tipo: cor de sangue, cor da árvore, achei que ele era daltônico mas o exame médico descartou esta hipótese.

Sou uma pessoa excessivamente observadora sendo assim, não podia deixar de comparar meu filho com outras crianças de sua idade. Na verdade, eu não podia entender o que acontecia, visto que minha filha, mais velha do que ele 4 anos e meio, aos dois anos era capaz de contar de 1 a 20,30, saber o nome das cores, além de decorar os textos dos livros que eu costumava ler para ela. Pensei: “então as pessoas estão certas.... menino é diferente de menina muitas vezes mais lentos na fala e na escrita”.

Aos 5 anos, assim como a minha filha, ele foi para escola. Foi quando quase enlouqueci. Ele perdia a linha, não lembrava da forma dos números ou letras. Achei que a culpa era só da escola. Ele repetiu a série em outra escola e quando foi para a Alfabetização a coisa ficou séria, pois o - b,d,p,q - m,n - era tudo a mesma coisa. Não sabia onde começava ou terminava uma palavra. Era incapaz de gravar qualquer seqüência, mesmo a mais simples: contar de 1 até 20 sem pular ou esquecer um número, gravar o abecedário ou números de telefone, usar corretamente: ontem, hoje, amanhã – almoçar, jantar – manhã, tarde, noite – direita, esquerda.

Lembro-me de relatar tudo isto a um médico e tentar fazê-lo entender que o meu filho tinha problema de memória seqüencial e simbólica e que ele precisava de um remédio. Todos me achavam idiota.

Os 5 Neurologistas que levei meu filho disseram que ele não tinha problema algum – com exceção de um que em seu diagnóstico, por escrito, dizia que ele poderia apresentar dislexia no futuro – foi quando ouvi pela primeira vez 'dislexia'. Psicóloga, Psicomotricista, Fonoaudiólogas, Psicopedagoga, foram muitos. Todos foram unânimes em dizer que diagnóstico de disléxico, só após a alfabetização.

Acontece que minha obstinação me fez ler muito sobre o assunto e pude perceber que eles estavam enganados.

Acreditem, houve quem dissesse que meu filho tinha retardo mental. Isto foi dito por uma profissional de grande respeito e que por prepotência, preferiu não acreditar no diagnóstico dado pelo seu Neurologista de confiança. Perguntei a ela, como podia ser, se fiz esta pergunta a todos os neurologistas que levei, inclusive o de sua confiança. Mas mesmo assim

ela foi taxativa no diagnóstico e me disse com todas as letras: “eu não escrevi isto, mas você é uma pessoa inteligente e eu posso falar, seu filho tem retardo mental”.

Chorei, chorei muito sim, pois nesta época meu filho já estava com 7 anos, não tinha aprendido a ler. Foi humilhado na escola pela professora quando ela jogou no lixo o cartão que ele fez para o dia das mães, um cartão que, segundo ele, estava tão lindo e só porque estava escrito ao contrário ele ficou deprimido e começou a se achar incapaz. Doeu muito mais, quando ele teve que ser punido saindo da escola deixando seus amigos queridos, enquanto aquela professora permanecia na escola, provavelmente cometendo os mesmos erros.

Graças a Deus nós já contávamos com o apoio da competentíssima Fonoaudióloga – Cristina Schneider – que me consolava dizendo estar havendo um grave erro de avaliação. Mas mesmo assim, eu e meu filho, resolvemos buscar uma última avaliação profissional.

Fomos a Clínica do Dr. Paulo Mattos em Botafogo, no Rio de Janeiro, onde fomos recebidos pela Dra. Izabela Souza (neuropsiquiatra), também competentíssima. Foram 4 semanas de avaliação, claro com muitas dificuldades pois meu filho ainda não lia e também estava abaladíssimo emocionalmente, sua auto estima estava baixíssima.

Apreendi já no primeiro encontro com a Dra. Izabela que uma criança que apresenta retardo mental não teria a auto-crítica que meu filho apresentava. Não teria consciência tão clara de suas diferenças. Não estaria tão ofendido com as pessoas.

Meu filho acabou de fazer 10 anos, este ano seu progresso com a leitura foi grandioso, acompanhou a turma, mesmo sem ler totalmente; ele tem plena consciência de suas dificuldades, por isso aceita a ajuda de seus amigos de sala; está aprendendo a conviver com a dislexia, já que fará parte de sua vida.

Posso dizer que hoje, não somos mais solitários. Meu filho é feliz e convive com inteligência com sua dislexia.